

O DR. LUÍS MADEIRA
FALOU EM LOULÉ

«A Voz de Loulé» responderá no próximo número ao Dr. Luís Madeira para demonstrar que não é contra as barragens no Algarve.

DEFENDEMO-LAS!

A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



ANO XXI 16-12-76
(Preço avulso: 3\$50) Nº 603

Composto e Impresso
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO-MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira
Telef. 6 25 36 LOULÉ

ANTÓNIO MARIA ANDRADE DE SOUSA eleito Presidente da Câmara Municipal de Loulé

RESULTADOS PROVISÓRIOS: 3 vereadores do PS, 3 do PSD e 1 da FEPU

Loulé sem louletanos? O HOMEM CERTO no momento exacto

Parece um paradoxo, mas é uma realidade dia-a-dia mais evidente e que nos foi denunciada por um artigo publicado na «Voz de Loulé» em que se diz que a Caixa de Previdência só paga as despesas de parto, desde que esse acontecimento se registe no Hospital de Faro, visto que aquela entidade não tem contrato com o Hospital de Loulé.

O nascimento é, sem dúvida nenhuma, o acontecimento mais importante da vida de um indivíduo porque marca a sua chegada ao Mundo.

Para um médico, parteira ou enfermeira, isso é apenas um trabalho relacionado com a sua profissão.

O mesmo, porém, não acontecerá com o indivíduo que fica marcado para a vida inteira com o nome da terra onde nasceu.

É possível que lhe seja indiferente ser de Faro, Olhão, Lagos, etc., mas é importante um indivíduo ter a noção de que só não é da terra onde sempre viveu apenas por mera circunstância fortuita.

A casa onde deu os primeiros passos, a rua que é «sua», a escola que frequentou, os amigos com quem conviveu, todo o ambiente que conhece lhe falam, lhe dizem que é essa a «sua» terra.

... E no entanto, essa não é a sua terra.

Conhecemos pessoas cuja família é totalmente de Loulé e que toda a vida se sentiram tão chocadas de «apenas» ter nascido em Faro, que sempre disseram: «sou de Loulé», porque só conheceram Loulé com a sua terra.

Sempre ouvimos falar de bair-
(continua na pág. 6)

A vila de Loulé teve a grata surpresa de receber, no passado sábado, dia 4 (dia de Santa Bárbara, Padroeira da Artilharia), a honrosa visita do Senhor Primeiro Ministro.

Habituada durante intermináveis anos às visitas ministeriais orientadas exclusivamente para fins eleitoralistas, a população de Loulé teve a satisfação de contactar, no Mercado Municipal o Chefe do Governo que, com a maior simplicidade, se abeirou de compradores e vendedores, ouvindo as suas necessidades, as suas aspirações e as suas reclamações, em suma — dialogando com o Povo.

O acolhimento foi triunfal e os milhares de pessoas, que de todos os
(continua na pág. 3)

Os homens mais necessários deste País

Supomos que são os carteiros. São eles que nos trazem as boas e também as más notícias.

Que transportam a carta há muito esperada, as notícias há muito desejadas.

A dignidade e importância da sua profissão conferem-lhe o direito de os podermos considerar como os homens mais necessários deste País.

Que seria o comércio sem o seu contacto diário?

Que seria da indústria sem a carta que traz a nota de encomenda, que transporta a factura, que traz ou leva o cheque?

Sem a sua ajuda imprescindível, quem faria encaminhar por esse Mundo a mensagem amiga, o grito de dor, a palavra de alegria, que todos sentimos em dados momentos da nossa vida?

Que seria dos jornais, das revistas, dos livros, se não fora a dedicação daqueles homens que conseguem ler os nossos nomes

através de caligrafias extravagantes ou endereços incrivelmente incompletos?

Quantas cartas não conseguem eles entregar só porque os carteiros conseguiram adivinhar quem era o destinatário?

Quantos momentos de tensão não experimentam quando se aproxima a hora de «fechar o correio» e o volume da correspondência é superior à capacidade de execução nos minutos que faltam?

Quantas «chuvas» não suportam para que o correio não falte,
(continua na pág. 7)

«Eu quero ser rei»

Há dias estive na nossa redacção um indivíduo de aparente lucidez que iniciou a sua conversação com as seguintes palavras: «Eu quero que ponha na Voz de Loulé que também quero ser Rei». Apesar de já estarmos habituados às palavras muito utilizadas durante o actual «processo em curso» do «quero, posso, mando e exijo» ficámos estupefactos perante a novidade e perguntámos porquê. Respondeu-nos que tinha ouvido ler nos jornais que havia um preto que já tinha sido boxeur e que quer ser agora Rei da Irlanda e duma ilha que os americanos exploram no Atlântico e acrescentou: «eu sou branco e filho dum trabalhador e além disso já fui lutador e por isso que também tenho direito de ser rei de qualquer coisa».

Querendo fazer prevalecer a sua

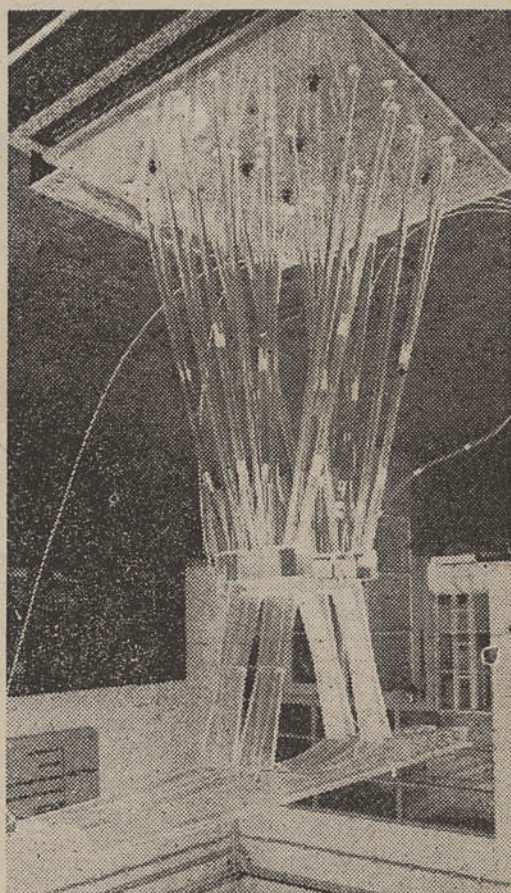
Uma obra
que se impõe

A ponte sobre o Guadiana

A gravura que reproduzimos hoje apresenta um curiosíssimo aspecto das estruturas projectadas para a construção da ponte sobre o Guadiana e dá-nos uma ideia da complexidade da técnica exigida para a concretização de tão importante empreendimento. Importante e necessário não só para o turismo algarvio como ainda para as trocas comerciais e de boas relações de amizade que devem existir entre 2 vizinhos que se respeitam e estimam.

É pena que obras de tamanha grandeza não tivessem sido realizadas quando havia dinheiro com fartura, ouro em abundância e divisas à farta nas mãos dum Estado rico.

É pena que estas coisas só se façam com dinheiro que temos agora de mendigar aos nossos amigos.



Ajudar os que precisam e... merecem

Movimento de autêntica solidariedade humana se pode chamar à forma como foi correspondido o apelo feito

no sentido de possibilitar ao sr. Jaime Justo uma deslocação a Londres a fim de se submeter a uma melindrosa operação cardíaca, e que se espera o libertará do penoso sofrimento que há longos anos o martiriza.

Alfaiate de profissão, homem honesto e bondoso, residente em Faro, bem merece o auxílio que lhe foi prestado por centenas de corações generosos que, desde o Algarve ao Minho, corresponderam ao apelo lançado através da imprensa e de outros sectores.

Pois foi exactamente através desse
(continua na pág. 8)

Portugal, ainda há-de ser, se Charais quiser, uma grande e próspera Nação

Depois das Melantunices (ou Melantolices?) de que foi expoente o recente discurso do Presidente da Comissão Constitucional, Franco Charais agora promovido a brigadeiro pelo Conselho da Revolução, saltando por cima dos candidatos apresentados pela Arma de Artilharia (alguns com maior folha de serviços e mais

antigos), num almoço na Academia Militar afirmou que «Otelos devia ser promovido a general e passado à reserva, como reconhecimento a uma figura carismática da Revolução», e que «Portugal está em vias de ultrapassar os Estados Unidos da América

(continua na pág. 6)

O Alentejo não será a Sibéria de Portugal

Disse-o o Ministro da Agricultura e Pescas, deseja-o o País inteiro — com algumas excepções.

O tempo há-de dar razão aos que lutam por uma autêntica Reforma Agrária.

Em liberdade, em cooperação.

«A Voz de Loulé», n.º 603 - 16/12/76

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito da comarca de Loulé e 1.ª secção, correm éditos de seis meses, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando JOSÉ GONÇALVES, que foi mineiro e com a última residência conhecida no sítio da Torre de Apra, freg.ª de S. Clemente, concelho de Loulé, agora ausente em parte incerta para, no prazo de 20 dias posterior àquela dos éditos, im-

«A Voz de Loulé», n.º 603 - 16/12/76

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ

ANÚNCIO

Proc. 86/76

(1.ª publicação)

Na acção especial de divisação de coisa comum que, na 2.ª Secção deste Tribunal, Tomé Filipe da Ponte e mulher Clementina Canastra da Cruz, Alfentes, Boli-queime, movem contra Francisco Neves Guia e mulher Constância Cabrita Guerreiro, mesmo sítio, e ÁLVARO MATIAS GUIA, solteiro, ausente em parte incerta do Brasil, cuja última morada conhecida foi no referido sítio, é este réu citado para contestar, no prazo de dias, que começa a correr depois de finda a dilacção de 30 dias, esta a contar da 2.ª publicação deste anúncio, sob a cominação de se proceder à adjudicação ou à venda do prédio urbano, pertença de autores e réus, sítio em Alfentes, inscrito na matriz sob o art.º 901.

Loulé, 6 de Dezembro de 1976.

O Escrivão de Direito,
João-Maria Martins da Silva
Verifiquei: — O Juiz
de Direito,
Jorge Mourão Mendes Leão

pugnar, na acção especial para justificação de ausência e declaração da sua morte presumida com o n.º 114/76, o pedido formulado pela requerente sua mulher Francisca Bengalinha Semião, que também usa e é conhecida por Francisca Semião Paulino, doméstica, moradora na rua Conde Azambuja, 1.º, da povoação e freg.ª de Quarteira, mesmo concelho de Loulé.

No mesmo processo são citados por éditos de SEIS MESES, igualmente contados da 2.ª e última publicação do anúncio, os interessados incertos, para no prazo de 20 dias, depois de decorrido o dos éditos, impugnarem a referida ausência daquele José Gonçalves.

Loulé, 15 de Novembro de 1976.

O Juiz de Direito,
a) Jorge Mourão Mendes Leão
O Escrivão de Direito,
a) João do Carmo Semedo

ARIEIRO — LOULÉ



AGRADECIMENTO

MARIA DO NASCIMENTO
PORTELA

Seu marido, filhos, nora, netos e restante família, desejando evitar qualquer falta involuntária por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

«A Voz de Loulé», n.º 603 - 16/12/76

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito da comarca de Loulé e 1.ª secção, correm uns autos de acção com processo especial nos termos do art.º 68.º, do Cód. da Estrada, com pedido de assistência judiciária, com o n.º 97/76 em que é Autor e Requerente João Manuel Rodrigues, casado, operário da construção civil, residente na rua Castilho, n.º 209, 1.º, esq.º, em Lisboa e Réus SUSAN ALISON BARRITT, de nacionalidade inglesa, actualmente residente em parte incerta e com o último domicílio conhecido no País, no sítio do Vale do Lobo, freg.ª de Almansil, do concelho e comarca de Loulé, Empresa Turística Vale do Lobo do Algarve, Lda., e Royal Insurance Company Limited, é aquela Ré Susan Alison Barritt citada para contestar, devendo apresentar a sua defesa no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilacção de 30 dias, contada da data da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, sob a cominação de ser conuegada no pedido que o Autor deduz naquele processo e que consiste, em síntese, em pagar, solidariamente com as co-Rés, por danos físicos, despesas e danos morais, por virtude de acidente de viação ocorrido no dia 24/6/74, causado por veículo automóvel que era conduzido pela Ré Susan, a quantia de 339 154\$00 ao aludido Autor, podendo a contestação englobar a do pedido de assistência judiciária, em que o mesmo pede a dispensa do pagamento de preparos, selos e depósito de custas, por não possuir meios que lhe permitam custear as despesas da demanda.

O JUIZ DE DIREITO,
a) Jorge Mourão Mendes Leão
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) João do Carmo Semedo

VENDE-SE

Apartamentos em construção com 3 e 4 assoalhadas na Urbanização Sul, junto à bomba Sacor. Informa no local ou com Manuel Ricardo M. da Silva & C.ª Lda. — Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 56. Telef.: 62449 — LOULÉ.

Ao Divino Espírito Santo

Agradeço graças recebidas.

M. E.

AQUAMAZONA
O QUE É?

«A Voz de Loulé», n.º 603 - 16/12/76

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

No dia 7 de Janeiro próximo, às 11 horas, neste Tribunal e na carta precatória extraída da execução de sentença que, na 4.ª Vara Cível de Lisboa, João Belchior Viegas move contra Maria Beatriz Pereira Alves de Sousa, Rua Ataíde de Oliveira, 126, 1.º, esq.º, Faro, Serafina Pereira Helbling e marido Eng. Carlos Ernesto Helbling, Avenida Álvares Cabral, 40, 6.º, esq.º, Lisboa, e outros, serão postos em praça, para serem arrematados, ao maior lance oferecido acima dos valores a seguir indicados, os seguintes bens penhorados àqueles executados:

- 1.º — Prédio rústico denominado «Os Passis», sítio em Barranco do Velho, Salir, inscrito na matriz sob o art.º 8 295, — 14 240\$00;
- 2.º — Prédio rústico denominado «Os Passis», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 296, — 1 320\$;
- 3.º — Prédio rústico denominado «Córrego Brejo do Concelho», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 661, — 760\$00;
- 4.º — Prédio rústico, no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 662, — 12 440\$00;
- 5.º — Prédio rústico denominado «Portela Baixa»,

no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 789, — 120\$00;

6.º — Prédio rústico denominado «Cerro Alto», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 795, — 1 840\$00;

7.º — Prédio rústico denominado «Cerro Alto», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 802, — 120\$00;

8.º — Prédio rústico denominado «Cerro Alto», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 8 864, — 400\$00;

9.º — Prédio urbano denominado «Cerro Alto», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 837, — 5 880\$00;

10.º — Prédio rústico denominado «Cerro Alto», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 9 091, — 56 120\$00; e

11.º — Prédio rústico denominado «Palheirinho», no mesmo sítio, inscrito na matriz sob o art.º 9 091, — 3 120\$00.

Loulé, 27 de Novembro de 1976.

O Escrivão de Direito,
João-Maria Martins da Silva
Verifiquei: — O Juiz
de Direito,
Jorge Mourão Mendes Leão

GONCINHA



AGRADECIMENTO

FRANCISCO MENDES
CABEÇOS

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

QUARTEIRA



AGRADECIMENTO

LEONILDE DE SOUSA
ANASTÁCIO

Seu marido, filhos, genros, nora, netos e restante família vêm por este meio testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que compartilharam da sua grande dor, e se dignaram acompanhar à última morada a sua saudosa e chorada extinta, não o fazendo pessoalmente, como era seu desejo, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas.



JÁ ESTÁ A VENDA O APRECIADO

BOLO REI

da FÁBRICA LUSITANIA DO SUL

Confeccionado nas mais modernas instalações
do sul do país em fabrico de bolos

Contacte com a

FÁBRICA LUSITANIA DO SUL

Rua Afonso de Albuquerque, 105 — LOULÉ
(Estrada de S. Brás)

TECNIPNEUS

ARTUR CONDINHO e GUERREIRO

Recauchutagem - Vulcanização
Calibragem em 5 Minutos
Assistência completa



PNEUS: FIRESTONE - SEMPERIT - KLEBER
SEIBERLING - MABOR GENERAL



Rua Azevedo e Silva — Telef. 62397 — LOULÉ
(4-2)

EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA PARA OS PAIS E EDUCADORES

«Os pais têm prioridade no direito de escolher o tipo de educação a dar aos seus filhos» (Declaração Universal dos Direitos do Homem; artigo 26, número 3).

Os problemas da educação, agudizados pela anárquica destruição das relações escolares, e contemplados de maneira ambígua nos textos constitucionais — onde não faltou, naturalmente, a orientação socializante, vêm suscitando, entre os Pais, viva inquietação e inconformismo justificando assim que, nas nossas colunas, se tenham algumas considerações acerca de tão delicado e tão transcendente assunto.

É frequente, nos tempos actuais, deparar-se com correntes de opinião que, debaixo da capa da liberdade e da democracia, manifestam uma chocante ignorância acerca do conteúdo da Declaração como a carta fundamental dos direitos e liberdades da pessoa. Todavia, não deixa de ser ridículo que alguns, que a consideram (pelo menos formalmente) como o oráculo da verdade, a ignorem com tanta facilidade quando se trata de chegar a brasa à sua sardinha.

A Declaração, como se encontra implícito na sua designação, refere os direitos humanos; significa, portanto, que o seu domínio é o dos homens, das pessoas, dos indivíduos. Em todo o seu articulado existe sempre uma referência expressa à pessoa ou ao indivíduo. Em nenhum dos seus artigos se fala de direitos da sociedade ou do Estado. Naturalmente que é assim porque se concebe a sociedade como sendo a união moral e estável de muitas pessoas, físicas ou morais que, juntas, prosseguem os mesmos fins. Assim, a sociedade civil — sendo um facto natural com fundamento na natureza do homem, resulta da união de outras sociedades que nalguns casos — como o é a família — são mesmo anteriores a ela. A organização da sociedade civil deve, portanto, ser a expressão das exigências da natureza humana, no número das quais se inclui o livre exercício, dos direitos dos indivíduos e des-

as sociedades que lhe são anteriores.

Em sentido lato, o Estado é uma das formas de se organizar a Sociedade, ou seja uma certa ordem que permite tanto o cumprimento das exigências sociais da pessoa, como a conciliação e harmonização dos interesses divergentes. Para isso, o Estado deve não só permitir mas até favorecer o desenvolvimento individual e social com vista à satisfação dos interesses superiores do homem. Como se depreende, o Estado existe em função da pessoa que, afinal, o torna possível e é quem ocupa o centro desse ordenamento jurídico da sociedade. O Estado será, então, o meio de que se socorre a sociedade para alcançar os seus objectivos. Por sua vez, a sociedade serve apenas na medida em que se coloca ao serviço das pessoas, facilitando-lhes a realização dos seus objectivos.

O Estado, ao adoptar por finalidade a promoção do bem comum, em matéria de educação deve proteger aqueles direitos anteriores aos seus. Toda a actividade que se proponha desviar, impedir ou dificultar o exercício desses direitos, em vez de promovê-los e acarinhá-los, é claramente um abuso. O monopólio da educação — mais um — ou a institucionalização de uma escola única, permanecerá sempre em conflito com os princípios fundamentais de uma sociedade livre e será uma porta aberta à negação prática dos mais fundamentais dos direitos do homem.

A liberdade de ensino emana do direito de liberdade religiosa (artigo 18.º da Declaração Universal). O Estado deve respeitar a liberdade das consciências, reconhecendo aos indivíduos o direito de acesso a formas de cultura inspiradas na sua própria fé e concordantes em todos os aspectos com os seus próprios ideais de vida. Daqui resulta a obrigação de facultar pelos meios adequados, os recursos económicos necessários aos que deles careçam, de maneira que um pai se não veja obrigado a enviar os seus filhos a uma escola com cujas orientações se não identifica.

É frequente hoje em dia deparar-se com pessoas que, embaladas na toada de condescendências que caracteriza a nossa sociedade, defendem que a educação do jovem em liberdade e portanto a sua formação humanística e cultural, só pode realizar-se através da precoce familiarização com o pluralismo ideológico, político e religioso característico da vida moderna.

No plano das ideias nada há a contrapor a esta tese. Todavia, a experiência demonstra que a confrontação prematura com tais problemas de fundo traz ao jovem agudas perplexidades. E essa desorientação acentua-se quando, sem estar preparado, se vê contrariado em ideias fundamentais e seguras que havia recebido através da educação familiar. Daí as mais violentas formas de contestação vai um passo.

Parece, portanto, desejável que a liberdade de ensino surja como elemento imprescindível a todo o ordenamento democrático. Por isto, a liberdade de ensino não é actualmente considerada com uma mera consequência natural do sistema democrático mas sim como um dos parâmetros que, conjuntamente com os outros direitos de liberdade, caracterizam o mesmo sistema. Assim, os regimes livres reforçam-se através da liberdade de ensino, ou seja por meio de legislação que efectivamente promova e garanta a existência de instituições educativas verdadeiramente livres. O pluralismo escolar — entendido como diversidade de orientações educativas — é, sem hesitação, condição e garantia imprescindíveis do pluralismo político e do respeito efectivo pelos direitos da pessoa. A liberdade de ensino é, afinal, a pedra de toque da verdadeira democracia.

Que a clareza de entendimento dos nossos legisladores e a acção dos dirigentes escolares não percam de vista que só quando aos pais for dada oportunidade de escolherem a educação que deverão dar aos seus filhos se estará na senda da Declaração Universal dos Direitos do Homem. É que só se pode escolher quando se dispõe de mais de uma opção.

F. REBELLO

Portugal, ainda há-de ser, se Charais quiser, uma grande e próspera Nação

(continuação da pág. 1)
e a Rússia na liderança da política mundial!

Quanto à primeira afirmação nada custa ao CR efectiva-la, como tantas outras promoções de aviário. A respeito da segunda, foi pena o major Melo Antunes ter deixado o Ministério dos Negócios Estrangeiros, senão a esta hora já os dois grandes imperialismos mundiais teriam sido eclipsados pelo novo Kissinger português...

Não há dúvida que temos grandes homens em Portugal. E inteligentes! Principalmente inteligentes!

É percebem de política que se fariam...

Ah Portugal, Portugal a quem te entregaram!

HOMEM CERTO

(continuação da pág. 1)

lados acorreram, puderam testemunhar tocantes cenas de aclamação popular e de recíproca simpatia.

Esta inequívoca afirmação de talento governativo trouxe a todos a garantia de que o processo de democratização do País se consolida e de que a descentralização é cada vez mais, uma consoladora realidade.

AQUAMAZONA
O QUE É?

«Filhos Obedientes» é mais um novo livro da conhecida Publicações Europa-América e que deverá ser lido por todos. Ele suscitara especialmente a maior curiosidade a quem se interesse por problemas de educação juvenil.

Da autoria de Catherine Rager e em tradução de Maria da Conceição Ramirez, «Filhos Obedientes», é o livro que todos os fi-

lhos gostariam de oferecer aos pais e cuja leitura lhes aconselhariam, se pudessem.

Como todos os pais, é natural que o leitor(a) tenha dificuldades com os seus filhos. Não deixará de as ter depois de ler esta obra. Mas poderemos garantir-lhe que passará a encará-las de modo muito diferente...

O FABRICANTE PORTUGUÊS DO MÓVEL

no Algarve



Iniciativa de louvar, a do nosso conterrâneo Silvestre Monteiro, que decidiu levar a efeito, no seu estabelecimento «Galerias Persa», em Faro, uma exposição de mobiliário de alguns dos mais conceituados fabricantes portugueses.

Tal iniciativa começou com a apresentação do mobiliário Sousa Braga, de que destacaremos aqui as linhas FIL 70 e SB 88 — duas linhas em que a elegância do porte se alia perfeitamente à funcionalidade do carácter.

Seguem-se as semanas dos móveis Interforma e a semana dos móveis Artur Campos «linha Omnia».

Nas Galerias Persa podem, ainda, ser vistos móveis Olaio, Altamira e Longra, tecidos e tapeçarias Cuf Têxteis e colchões de molas Climax e na sua recente secção de Gift Shop estão expostos os mais variados brinquedos e pequenos objectos para oferta, além de agradáveis peças decorativas.

Estamos certos de que o público algarvio corresponderá com simpatia à «Semana do Fabricante Português do Móvel», e acorrerá ao estabelecimento da R. Aboim Ascensão, 29-31, em FARO.

TRESPASSA-SE em Quarteira

A Cervejaria «Vasco da Gama»

COM SALÃO DE 5 BILHARES

(Frente ao Cinema, junto ao Correio, a 300 metros da praia)
Tratar no próprio local com Joaquim Alberto — QUARTEIRA

ATENÇÃO OLHÃO

Grande exposição nocturna

— Desde 9 até 31 de Dezembro (das 20 às 23 H) a MOBILAR apresentará ao público o melhor em mobiliário e decoração de todo o Sotavento Algarvio.

CONFIRME!...

Grande campanha de baixos preços!...

— Se nos visitar dar-lhe-emos uma senha numerada que o (a) habilitará gratuitamente a uma mobília de quarto no valor de 18.000\$00 (a sortear pelo Natal).

MOBILAR — Rua 18 de Junho, 87 — Telef. 72505 — OLHÃO

Pronto a Vestir

DO FABRICANTE AO CONSUMIDOR

APRECIE OS NOSSOS MODELOS PARA

HOMEM - SENHORA - CRIANÇA

Unisex — Casacos curtos — Fatos de veludo

«Jeans Inega» — Blusas — Calças — Blusões

VESTIDOS DE NOITE

Visite a CASA SUZETTE

Largo Gago Coutinho — LOULÉ

Não há dúvida que o «nosso herói» anda mesmo a pedir um monumento

Miguel de Vasconcelos, perdão, Vítor Crespo, foi o último governador de Moçambique e quando chegou a Portugal enalteceu a «exemplar descolonização» de que fora protagonista, pois considerava a «sua» obra semelhante à gesta das Descobertas.

Nessa altura, «A Voz de Loulé» sugeriu que se construísse um monumento ao «heróico» Vítor Copos.

Não fomos ouvidos.

Agora, a propósito do 1.º aniversário da independência (?) de Angola, Vítor Crespo faz-nos lembrar que de, facto, merece um monumento, pois são da sua autoria as seguintes palavras:

«Todas essas epopeias que foram as independências das antigas colónias portuguesas, devem, hoje como no futuro, ser motivo de legítimo orgulho para todos os portugueses».

Para todos os portugueses. Até para aqueles que foram obrigados a deixar tudo quanto tinham, toda a sua vida de trabalho e de progresso, para escaparem com vida à vingança racista dos bandos desenfreados e ávidos de sangue que eram os chamados «comandos» das FAPLAS, braço armado do MPLA.

Dantes éramos terra de «heróis, santos e marinheiros». Agora somos «terra de traidores».

LIBERDADE AOS 15 ANOS

Sob uma chuva de balas, um rapaz de 15 anos, da República Democrática Alemã, usou há dias uma escada para saltar o Muro de Berlim.

Guardas de Berlim Leste dispararam cerca de 30 tiros com armas automáticas na altura em que o rapaz saltou o muro, mas não o atingiram

— informou a polícia de Berlim Ocidental.

Os guardas da RDA tomaram posteriormente posições no lugar em que o rapaz saltou o muro.

O muro foi construído em 1961 para conter o fluxo de habitantes da RDA que passavam para o Ocidente.



AMAZONA

Já está à venda o famoso
«BOLO REI»

«AMAZONA»

(FABRICO PRÓPRIO)
NAS PASTELARIAS E SUPERMERCADOS

AMAZONA

— EM —

LOULÉ — LAGOS — VILAMOURA — VALE DO LOBO

M/ 18 ANOS

Boite GRUTA CLUB Bar

Apresenta todas as noites (excepto 4.ª-feira)

VARIEDADES

FADOS — CANÇÕES — FOLCLORE

«GRUTA CLUB» — Ambiente familiar

Gerência de JOSÉ DIAS

Últimos êxitos mundiais em disco

Participe no Reveillon na boite GRUTAS
e do Restaurante BONANZA

Rua Alves Correia, 40

ALBUFEIRA

NÃO FUMARÁS...

DEZ PRECEITOS CONTRA
O FUMO:

1.º — Não fumarás, porque o fumo é teu inimigo; rouba-te a saúde física, mental e moral, e saca-te o dinheiro do bolso.

2.º — Não fumarás, porque o fumo, pelos venenos que contém, provoca a inflamação das vias respiratórias.

3.º — Não fumarás, porque o fumo produz «a bronquite tabáquica» com catarro crónico.

4.º — Não fumarás, porque o fu-

mo abre as portas para a tuberculose.

5.º — Não fumarás, porque o fumo age maleficamente sobre o aparelho cárdio-vascular, produzindo hipertensão arterial (pressão alta) e arteriosclerose.

6.º — Não fumarás, porque o fumo prejudica o aparelho digestivo produzindo anorexia (falta de apetite), dispepsia (digestão difícil), etc.

7.º — Não fumarás, porque o fumo é nocivo ao sistema muscular produzindo tremores não só dos dedos como também da língua.

8.º — Não fumarás, porque o fumo produz, não raro, cancro no pulmão

9.º — Não fumarás porque o fumo ataca o sistema nervoso; prejudica os órgãos dos sentidos; é um veneno para a memória e a inteligência.

10.º — Não fumarás, porque o fumo não tem vantagem alguma para te oferecer; só te oferece desvantagem. Fumando, praticas suicídio lento, envenenas o ar que os outros respiram, dás mau exemplo aos teus filhos, etc. Portanto, não fumarás.

«Sexo e Educação» é um livro da autoria de Laura Contin e tradução de Sampaio Marinho que acaba de ver a luz da publicidade.

Dois factores se devem conjugar no educador que pretende fazer educação sexual: uma profunda compreensão da sexualidade e uma grande capacidade de abordar os seus problemas com clareza e naturalidade com aqueles que pretende ajudar. O presente volume, além de um tratamento sério e original dos problemas da sexualidade apresenta na sua segunda parte sugestões de grande interesse para o desenvolvimento da acção educativa neste campo tão delicado. A ler mesmo por quem julgue já saber tudo sobre o assunto.

Todos estes volumes foram publicados na Coleção «Biblioteca dos Pais e Educadores», de Publicações Europa-América.

Tomás Pinto Brandão nasceu no Porto, em 5 de Março de 1664. Com 17 anos apenas já se encontrava em Lisboa, onde veio a morrer, no dia 31 de Outubro de 1743, depois de uma vida aventureira que lhe trouxe andanças por terras do Brasil e de Angola. Conquistou no seu tempo grande popularidade tanto pela sua vida boémia como pelo comentário fácil que, em versos jocosos, fazia de todos os factos que despertavam a curiosidade dos seus contemporâneos. Os cegos de Lisboa cantavam e vendiam os seus versos pelas ruas da cidade. Em 1732, com o auxílio do marquês de Cascais, deu à estampa as suas obras em volume, a que pôs o título de *Pinto Renascido*. «Célebre poeta (...) que para o estilo jocoso teve particular energia e propensão muito para o satírico», na expressão de João Baptista de Castro, Tomás Pinto Brandão é um nome injusta e incompreensivelmente esquecido nas letras portuguesas.

Poeta popular, produto típico do tempo em que viveu e de que é testemunha privilegiada, nele encontra-se uma tradição de troça irónica que nunca, pode dizer-se, abandonou o nosso génio literário. O volume agora editado na colecção «Livros de Bolso Europa-América», e que deve a sua organização aos cuidados do Dr. João Palma-Ferreira inclui, além da «Vida e morte de Tomás Pinto Brandão» escrita por ele mesmo semivivo, uma vasta antologia em que se destaca a sátira «Este é o bom Governo de Portugal».

Casa Editora: Publicações Europa-América.

700 INGLESES PARA O ALGARVE

Numa iniciativa do «Travel Club» cerca de 700 ingleses virão passar férias ao Algarve.

Viajarão em 4 aviões especialmente fretados para o efeito, para uma estadia de cerca de 6 semanas.

Os turistas pagarão somente as despesas inerentes à estadia no Algarve, sendo as viagens oferecidas pelo Travel Club.

CADA BOMBA...

Cada bomba que estoira neste pobre país e simboliza a prevervidade de homens sem escrúpulos e sem um mínimo de critério que escondem na noite a fúria da sua malvadez. Porque não são capazes de fazer prevalecer a sua razão, através do diálogo.

FAÇA A SUA PUBLICIDADE
NO JORNAL
DE GRANDE EXPANSÃO

«A VOZ DE LOULÉ»

AQUAMAZONA
O QUE É?

AOS ACCIONISTAS DA

«SOLARIUM»

A fim de ser facilitada a dissolução da SOLARIUM — Sociedade Promotora de Actividades Recreativas, S.A.R.L., agradece-se a todos os accionistas que têm ainda em seu poder os títulos provisórios, o favor de os entregar na redacção de «A Voz de Loulé» a fim de lhes ser devolvido o respectivo capital.

pequenas
embalagens



■ isolamentos e protecções ■ pavimentos
■ impermeabilizações ■ enxertos e podas
■ coberturas

um produto que dura e faz durar!

DISTRIBUIDORES PARA O ALGARVE

JOSÉ GUERREIRO NETO & FILHO Lda

Rua Padre António Vieira LOULÉ tel. 62283

A TRAGÉDIA DOS QUE LUTAM POR UMA VIDA MELHOR

TODA UMA VIDA

(continuação do número anterior)

Demorei um pouco mais de um mês mas enfim cheguei à Beira; estávamos então em 1948.

Apoiado por minha irmã e pelo meu cunhado consegui emprego no Caminho de Ferro da Beira, que na altura era dos ingleses e lá comecei a trabalhar no grupo automóvel. Como nessa altura na Beira não haviam casas, nem ruas, nem nada que se parecesse com uma cidade, mas sim um calor imenso, chuvas torrenciais, milhares de mosquitos e as inevitáveis doenças só ao fim de alguns anos minha mulher e minha filha, saíram de Portugal para ir viver comigo. Dado que tudo era muito caro em Moçambique e o meu ordenado modesto, com a presença dos meus familiares, difícil se me tornou a vida, e como tal além do meu horário normal de trabalho (entrava às seis da manhã e saía às 18 horas), resolvi trabalhar depois das 20 horas nos guindastes no porto da Beira, onde até às 2 da manhã fazia algumas horas extraordinárias. Durante cerca de vinte anos foi assim que lutei pela vida, pelo bem-estar dos meus familiares. Com algum dinheiro meu e outro que pedi emprestado à Caixa Económica, construí naquela cidade da Beira, um modesto prédio de rés-do-chão e primeiro andar, que aluguei após estar concluído, para com as rendas que recebia e mais algum dinheiro do meu ordenado, pagar as prestações do prédio, durante dez longos anos. Vivíamos então numa pequena mas acolhedora casa, que eu havia pessoalmente construído, a fim de não pagar renda, que era pesadíssima na altura.

Durante os dez anos que demorei a pagar a minha casa, de tudo me privei, trabalhei que me fartei noite e dia, enfim lutei denodadamente por adquirir novamente tudo aquilo que já havia possuído em França, mas que por ironia do destino, havia perdido para sempre.

Tanto lutei que consegui pagar a minha casa. Só então e porque minha filha ia casar, resolvemos ocupar o rés-do-chão dessa mesma casa, ficando alugado apenas o 1.º andar da mesma. Minha filha casou em 1965 e então como a vida não me corria mal deixei de trabalhar de noite e comprei uma pequena quinta com 5 ha, a 30 kms. da Beira. Nessa propriedade, pequena é certo, deixei muito do meu suor e do meu esforço, plantando árvores, construindo uma pequena casa, enfim, fazendo apenas aquilo que eu sabia fazer: trabalhar. Nessa altura as guerras em Angola e já também no Norte de Moçambique, traziam-nos algo preocupados, mas de maneira alguma alarmados, antes pelo contrário, prontos para defendermos aquilo que com tanto sacrifício, eu e muitos outros havíamos construído, com o nosso esforço, em terras, que ao contrário de França, eram bem portuguesas, assim nos afirmavam de Portugal os ministros, os jornais, os noticiários de então.

«A LIBERDADE DOS COMUNISTAS»

Na Rússia a vivência da liberdade é uma aspiração perpétua. O critério da responsabilidade colectiva mina a família e a sociedade.

A insegurança é total: a vida não tem sentido, o futuro é uma sombria incógnita.

O Direito é tenebroso, a Justiça uma farsa, as sentenças forjadas.

Ler este novo livro que acaba de sair é compreender o arquitépico de Goulag.

A venda em Loulé na Livraria Aleixo.

QUASE UNANIMIDADE NAS ELEIÇÕES CHECAS

Nas últimas eleições para as quatro Assembleias Legislativas da Checoslováquia, houve 99,97% a favor dos deputados comunistas.

Estes resultados explicam-se perfeitamente num regime totalitário, mas não numa democracia, apesar de se designarem «democráticos» os regimes comunistas.

Esperemos que numas próximas eleições a realizar na Checoslováquia as votações ultrapassem os 129,99%...

Nunca fui explorador nem fascista, mas sim um trabalhador honesto e amigo da Pátria onde nasci. Foi por isso que nunca imaginei assistir ao que assisti, sofrer novamente na minha pele agora de velho, o preço do ódio e da maldade que reina neste maldado mundo, entre os homens. Em Novembro de 1974, meu genro e minha filha prevendo o que ia acontecer e para me pouparem ao iminente espectáculo da nova perda de tudo o que era meu, e que com tantos sacrifícios havia angariado, convenceram-me a regressar a Portugal (temporariamente como eles diziam) e a trazer o meu carro Peugeot 404 a diesel, que comprei em 1968, bem como algum mobiliário, como medida preventiva apenas. De novo me vi a caminho da velha Pátria não tão velho como ela mas o suficiente para me sentir quase no fim de uma etapa, que bem penosa foi, e espero não venha a ser ainda pior, nos anos que se avizinham, se eu lá chegar é claro. Alguns meses depois, ou melhor, em Julho de 1975, a poucos dias da Independência de Moçambique, recebi a visita inesperada de minha filha e genro que, diziam eles, vinham passar um mês com os pais e ao mesmo tempo, «como medida de precaução» aproveitavam para não passar em Moçambique o dia grande (que podia ter sido, acrescento eu), da Independência de Moçambique. Agora eu sei com que intenção minha filha e genro me diziam que vinham apenas por precaução).

Foram ainda meu genro e minha filha que em Setembro de 1975, regressaram a Moçambique e lá assistiram até Abril de 1976 ao maior, ao mais dramático ou trágico dos descalabros a que um povo, ou um ser humano pode assistir à humilhação constante, a ofensa premeditada, ao escárnio, às lutas selvagens, a detenções indiscriminadas, enfim, ao roubo total do que nos pertencia e que durante 30 longos anos, eu havia com eles adquirido pensando numa velhice sossegada e sem privações. Mas eis que o destino «o destino é sempre o culpado de tudo», fez com que eu agora com 71 anos de idade me encontre de novo em Portugal, residindo em Loulé naquela pequena casa que comprei com os francos que trouxe escondidos na boneca, casa que para além de ser pequena nada mais tem de reconfortante do que ser minha.

Além da casa tenho o meu carro a diesel que em muito tem ajudado as minhas velhas pernas e uma reforma de 3 000\$00 mensais. Minha filha e meu genro vivem comigo e compartilham o pouco que nos sobrou da nossa aventura conjunta, vivida em terras africanas, terras a quem nos habituámos a estimar como se da nossa pátria se tratasse. Esqueci-me dizer que enquanto estive em Moçambique vim de férias a Portugal em 1958 e que então comprei por 20 000\$00 uma casa pegada aquela onde agora vivo e que deixei alugada por 115\$00 mensais, depois de regressar à Beira, findas essas férias. Essa casa ainda hoje está alugada pelos mesmos 115\$00 mensais, só que o inquilino casou em segundas núpcias e foi viver com a nova esposa para outra casa, deixando a minha ocupada pelo filho que entretanto também casou e que agora não sai da referida casa, obrigando-me a viver com a minha filha e genro num cubículo onde mal nos podemos movimen-

tar e onde se dorme na sala num divã-cama. Claro que o antigo inquilino ainda me disse uma vez que saía da casa, da qual me pagava 115\$00 de renda há cerca de 20 anos, se eu lhe desse a módica indemnização de 30 000\$00. Como não lhe dei porque não tinha dinheiro (o que tinha ficou todo em África), resolveu passar a casa ao filho e eu...

Quando em Novembro de 1974, cheguei ao Algarve vindo da Beira, e porque não tinha casa onde residir, (aquela onde agora me encontro também estava alugada e o inquilino não queria sair sem 15 contos de indemnização), e porque durante um ano recorri à caridade dos amigos que em suas casas me albergaram, fui obrigado a arrendar numa velha casa propriedade de minha falecida sogra, as poucas mobílias que trouxe de Moçambique. Pois essa casa e essas mobílias bem como roupas e utensílios diversos, foram completamente destruídas pelo fogo no dia de Carnaval de 1976, fogo posto por mão maldosa que as autoridades não conseguem identificar.

O tempo vai passando impiedosamente e com ele se vão avolumando factos que me vão destruindo cruel e lentamente. Para mal dos meus pecados peguei ontem no jornal e em título na 1.ª página vejo apenas isto: Imposto de Compensação de Gasóleo fixado definitivamente em 18 000\$ por ano. Com 71 anos de idade, uma reforma de 3 contos mensais e uma família em pior situação que a minha que me resta fazer? Como poderei manter o meu carro a Diesel, velho carro que constitui uma das poucas peças que pude trazer de África para recordação e para aliviar a fadiga das minhas pernas. E com uma reforma de 3 contos mensais e uma renda de 115\$00 que recebo, que conseguirei viver com a família, pagar imposto, taxas, gasóleo, etc., etc.? Será que tenho que deitar fora ou oferecer uma das únicas coisas que 'rouxei e que comprei com o dinheiro fruto do meu trabalho honesto? Sim, deitar fora ou oferecer porque nem sequer o posso vender, uma vez que para ficar isento do imposto de importação, tive que assinar uma declaração comprometendo-me a não vender o carro no prazo de dois anos; e os dois anos ainda não passaram porque o carro só entrou em Portugal em Agosto de 1975. Para além disso, quem comprará um carro velho sujeito a um imposto de 18 contos anuais?

É este o regresso de uma vida como tantas outras certamente, ou melhor que algumas, um resumo da minha vida se vida se lhe pode chamar. Que mais me reservará o futuro que certamente não será duradouro? Espero que ao menos me deixem morrer, quando for altura disso!

A. B.

CONGRESSO HAVAS

De 26 a 29 de Janeiro do próximo ano terá lugar na aldeia das Açoteias (Albufeira), o congresso anual da Havas que reunirá cerca de 350 agentes de viagens Havas e «Tour Operators» franceses.

Os congressistas chegarão ao Algarve em 2 aviões especialmente fretados para o efeito, em 25 de Janeiro, devendo regressar a Paris a 29, num Boeing 747 fretado à TAP.

RAZÕES DE CONVENIÊNCIA

«O País está numa situação económica catastrófica? As empresas nacionalizadas — «nossas»! — dão prejuízos de milhões de contos? Há centenas de milhares de desempregados? O investimento desceu ao ponto zero? Os preços sobem e o poder de compra dos trabalhadores mingua? A balança de pagamentos apresenta um défice tal que os Portugueses só poderão comer enquanto os países nossos amigos estiverem dispostos a financiar-nos? A produção baixou?»

Se isto acontece, é óbvio, é clarividente, que nada tem a ver com a baixa produtividade, a indisciplina no trabalho, anarquia, a incompetência da gestão, a desconfiança. Para o dr. Cunhal, tudo resulta simplesmente da sabotagem dos grandes capitalistas e agrários, da CAP, da CIP e do imperialismo.

Numerosas empresas estão falidas? A colectividade suporta hoje os prejuízos de unidades sob intervenção do Estado que antes viviam prosperamente? O motivo chispa dos olhos do dr. Cunhal: é porque os capitalistas fugiram com o dinheiro.

E como poderemos salvar este País? Para o dr. Cunhal é fácil, facilíssimo. Basta pôr cobro à escandalosa política de recuperação capitalista do PS e avançar nas grandes conquistas da revolução: as nacionalizações, a reforma agrária, o controle operário».

(Do «Jornal Novo»)

A CULPA

É DOS IMPERIALISTAS...

Segundo o Politburo do MPLA em Luanda, num comunicado publicado a 13 de Agosto: «Os imperialistas estão a encorajar bandos de fantoches armados para subverter o povo, para reivindicar salários mais altos, para praticar actos de sabotagem». E mais: «A redução de produção de alimentos baseia-se na subversão. Os actos de sabotagem perpetrados por hordas inimigas, o desvio de milhares de camiões pesados, a destruição de numerosas pontes, a fuga de especialistas — levaram à queda da produção e à insignificante exportação — que se encontram hoje a braços com tremendas dificuldades.

AQUAMAZONA O QUE É?

LEIA

ASSINE E DIVULGUE

M. A. «A VOZ DE LOULÉ»



NORTUR/PM-TURISMO

- * passaportes · vistos · viagens
- * voos charter · cruzeiros · excursões
- * reservas de hotéis · apartamentos e vilas
- * bilhetes de avião · comboio e camioneta
- * aluguer de automóveis sem motorista

OS MELHORES PREÇOS NAS AGÊNCIAS
NORTUR

FARO — R. Cons. Bivar, 43 — Tel. 22908-25303
LOULÉ — Praça da República, 24-26 — Tel. 62375
PORTO — R. José Falcão, 82 — Telef. 310533



JOSÉ GUERREIRO NETO & FILHO, LDA.

SE PRETENDE ENCONTRAR UMA SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA...

- IMPERMEABILIZAÇÕES: COBERTURAS, PAREDES, FUNDAÇÕES, DEPÓSITOS, etc.
- PAVIMENTOS INDUSTRIAIS E PECUARIOS
- ISOLAMENTOS TÉRMICOS: CÂMARAS FRIGORÍFICAS, COBERTURAS, etc.

Uma equipa de pessoal especializado encontrar-se-á ao seu dispor

Escritório: Rua Padre António Vieira — LOULÉ
TELEFONE 62 283

FAÇA AS SUAS ENCOMENDAS DE

BOLO REI NA LOULEPÃO

O MAIS SABOROSO
O MAIS ATRAENTE

Contacte connosco
pelo telefone 62019

LOULÉ

E OS PATRÕES?

Os trabalhadores, pois claro, garantir e solidificar as suas conquistas, melhorar a sua condição de vida, aumentar os seus ordenados...

Os operários, é evidente. Os camponeses sim senhor. Os pescadores nem falar. Soldados e marinheiros, sem dúvida...

Tudo bem. Tudo certo. Tudo justo!

E os patrões?

Sim, os patrões?...

Não, não é nenhum artigo em defesa dos grandes capitalistas, dos eternos exploradores, dos caciques, da recuperação económica, dos tubarões, das multinacionais, do imperialismo, ou do regresso aos privilégios. Nem pensar. É, apenas, e simplesmente, um artigo sobre os patrões.

Quem os defende? Quantos milhares são? Quem fala neles? O dr. Mário Soares, pelo menos, no seu discurso, não falou.

Pois bem, e os patrões?

Vejamos. Há milhares de empresas, pequenas, médias e grandes, que, por sugestão, normalmente, de meia dúzia de iluminados revolucionários se encontram hoje, e desde já uns meses, sob a intervenção, sob a dependência do Estado.

Na maior parte delas não há contratos de exportação, não há matérias primas, não se trabalha. Não se paga à Previdência. Em muitas nem sequer a luz e a água se pagam.

O passivo da maior parte dessas empresas quadruplicou, ou ainda mais. Os clientes estrangeiros deixaram de aparecer. A falência está à porta.

E depois?

O que vai ser de milhares de trabalhadores que não têm culpa do desvario pogrressista de in-

conscientes, que em nada contribuíram para a ruína da incompetência, que nunca pediram, que nunca gritaram a ajuda intervencionista do Estado?

Porque a realidade é só uma: o Estado não vai mais continuar a sustentar, aos milhares de contos por semana, milhares de empresas que estão muito longe de uma estabilização económica.

Nem nós o consentiríamos!

Sim, que para pagar os tais casos tão lucidamente expostos pelo primeiro-ministro, teríamos nós, Povo em geral, e sem culpa nenhuma, de ir continuamente à bolsa e, através de impostos, ajudar o Estado a ajudar essas empresas à beira da falência.

Por outro lado, as centenas ou milhares de patrões que foram espoliados, expropriados, saqueados, ou como queiram, das suas empresas, das suas lojas, das suas indústrias, das suas fábricas, não estão dispostos, agora, a arcar com o peso das dívidas contraídas na sua ausência da gestão.

O que fazer?

Muitos industriais estão, como é do conhecimento público, a construir, em países estrangeiros, empresas semelhantes às que tinham em Portugal e, o que é mais trágico, a recuperar os clientes que antes compravam no nosso País.

A realidade é só uma. (Estado não tem dinheiro).

Como vamos então salvar do desemprego milhares de trabalhadores, e criar empregos para outros?

Que garantias são dadas aos investidores, aos empresários, aos patrões?

Sim, patrões! É tempo de começarmos a olhar a palavra pa-

trão no seu real significado e não como um termo pejorativo, aterrador e insultuoso. É tempo de pensarmos nos patrões.

Cada vez se trabalha menos e se pretende ganhar mais. E o curioso é que são precisamente aqueles que menos fazem e que mais ganham que gritam mais alto, que ameaçam mais vezes, que insultam o Governo e agitam o papão da greve.

Não tenhamos ilusões. O patrão, no nosso País, é necessário. É indispensável à reconstrução de Portugal, à criação de novos locais de trabalho.

E é urgente restituir a muitos patrões — já disse que não me refiro aos tubarões, etc., etc. — as empresas que lhes foram injustamente, levianamente, precipitadamente tiradas.

Mas, e isto também é importante, que se faça justiça.

Se o sr. Vasco Gonçalves, como primeiro-ministro, me tivesse tirado a carteira, o sr. Mário Soares, como igualmente primeiro-ministro, não me podia agora obrigar a pagar qualquer conta.

Se me tivessem tirado uma mercearia e vendido tudo o que lá estava dentro, não me podiam agora obrigar a pagar aos fornecedores.

Ou não será assim?

É preciso construir. Estamos todos de acordo.

É necessário melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos. Ninguém duvida.

É fundamental levar a todo o País escolas, hospitais, casas decentes. Sem contestação.

É urgente consolidar a Democracia.

É obrigatório pensar nos patrões.

FERNANDO BARRADAS
(De «O País»)

Loulé sem louletanos?

(continuação da pág. 1)

rismo dos louletanos e é evidente que não se sentem louletanos as pessoas nascidas noutras terras, mesmo que sempre tenham vivido aqui, mas parece-nos que talvez os louletanos sintam como poucos, um amor muito especial pela sua terra natal.

Tudo isto serve muito especialmente para lamentar que possuindo Loulé um bem apetrechado Hospital, (onde até há uma sala para partos) as beneficiárias da Caixa de Previdência (e são muitas) tenham que deslocar-se a Faro porque (só) lá a assistência é gratuita.

Se nos dissessem que Quarteira não tem condições para man-

ter uma maternidade em funcionamento nós acreditamos, mas pensamos que Loulé poderia servir todo o seu concelho e que o número de habitantes aqui residentes deve justificar um serviço operacional.

Daqui a alguns anos, vamos ter Loulé sem louletanos, ou vamos resolver o nosso problema (já)?

A. M.

AQUAMAZONA
O QUE É?

A luta contra a degradação do ambiente

Em grandes e pequenas comunidades dos mais diversos países, as pessoas começam a mostrar uma nova preocupação pelo ambiente que as rodeia. Já não são só os problemas da poluição do ar, da água ou do solo o objecto da sua atenção. A luta contra a degradação da paisagem motivada por construções que não têm em conta a harmonia do meio ambiente e o bem estar das populações mobiliza hoje os esforços de entidades oficiais e de grupos organizados de cidadãos. A estes se juntam as empresas conscientes de que é possível harmonizar os desejos da colectividade com

o desenvolvimento da indústria e do comércio.

A Mobil não é a única empresa a acreditar que a arquitectura industrial pode servir o bem estar das populações. Mas a experiência que resulta de largos anos de actividade num grande número de países, permite-lhe mostrar algumas soluções. A brochura que acaba de editar e nos enviou, procura demonstrar, pela imagem mais do que pela palavra, o que pode uma empresa fazer em colaboração com os responsáveis das comunidades na busca de um objectivo comum: uma vida mais agradável.

**grande
exposição
de novidades
philips
para 1977**

**VENHA VER
AS MAIS RECENTES INOVAÇÕES
DA TÉCNICA PHILIPS
E ESCOLHER AS SUAS
PRENDAS DE NATAL**

PHILIPS

Electro-Palma

Av. José Costa Mealha - Telefone: 62025 - Loulé

PATENTE AO PÚBLICO
ATÉ 11 DE DEZEMBRO,
DAS 9 ÀS 13, DAS 15 ÀS 19 E DAS 20 ÀS 23 HORAS



O Natal aproxima-se

É agora o momento oportuno de fazer as suas compras.

Nas vésperas das Festas terá muito menos artigos para escolher.

Faça hoje mesmo uma visita à

LINADEL

Largo do Carmo (junto ao Mercado)

Telefone 62619 — LOULÉ

BRANDYMEL

BRANDY CREME ARISTOCRATA DE MEL

CENTRIFUGADO E FRUTOS DESTILADOS

HÁ VÁRIAS EMITAÇÕES MAS NÃO O IGUALAM

PROVE QUE RECOMENDARÁ O BRANDYMEL

INDÚSTRIAS CRISTINA

PORTIMÃO

A RAIVA

O meu nome é raiva. Não a raiva de cão danado, mas a raiva do homem insatisfeito.

Raiva que só não existe nos santos, em que a santidade enche o coração todo, não deixando nem um bocadinho para essa revolta íntima e grande, que arrepanha o fígado dos homens quando a sua vida ladra e arreganha os dentes como cadela que defende os filhotes.

Raiva de bebé pobre que não pode ter brinquedos bonitos como aquele bebé rico da casa onde sua mãe trabalha como lavadeira; raiva de menino da escola primária, que estuda por livros emprestados e não aprende, porque tem a cabeça fraca de não comer que chegue; raiva com razão mas julgando que sabe mais do que o filho do Senhor Doutor, que é cabulão mas veste camisas de seda; raiva do empregado competente que tem de fazer asneiras ao mando de um burro; raiva do chefe de família que, ao fim do trabalho de sol a sol, retarda o regresso a casa, com medo dos olhos famintos de seus filhos; raiva da viúva tuberculosa, que sabe que está a pegar a doença ao bebé que lhe suga o único leite de que pode dispor, porque é de graça; raiva do doente que não tem cura mas não tem dinheiro para pagar ao médico e comprar os remédios; raiva do artista que sente o talento mas não encontra quem lhe compre os quadros; raiva do desempregado que sabe onde há emprego mas não se atre-

ve a ir lá com aquela camisa tão rota e tão suja; raiva de quem tem fome e vergonha de pedir esmola; raiva de quem sente uma alma grande e vive na sordida pequenez duma cubata; raiva de quem é rico e sofre os enjoos da fartura; raiva dos humildes sacrificados aos baixos interesses dos poderosos; raiva dos poderosos queimados pela sede insaciável do mais; raiva de toda esta aflição humana, que se engana nos caminhos para o Palácio da Ventura e é um enorme rebanho entontecido, a caminhar inexoravelmente para os fundos boqueiros da Morte.

Raiva!

Raiva feita com pequenas doses de inveja, em alma curta de velha comadre de aldeia que entorta os olhos com que examina o vestido novo da vizinha. Raiva dos grandes complexados do Poder, que leva às guerras de todo o mundo e ao massacre de povos inteiros. Raiva dos grandes poetas, que rasgam os versos imperfeitos com fúria de quem rasga as entranhas dum inimigo. Raiva dos homens bons quando lhes tomam a bondade por fraqueza e lhes escarnecem das virtudes como se fossem vícios. Raiva que não é pegada pela baba dum bicho mas uma refinação da dor e da amargura. Raiva dos povos mal governados, que servem de escada vil aos loucos da Política; e raiva dos governantes esclarecidos, que sinceramente procuram o bem dos seus governados e em paga recebem a ca-

lúnia, a incompreensão e o ódio. Raiva dos esdistas de grande prestígio, que são apenas homens de boa vontade e a quem pedem milagres como se fossem deuses. Raiva da glória e da fama em demasia, que primeiro cria ídolos para logo os transformar em escravos. Raiva do menos e raiva do mais. Raiva da corista principiante a quem só olham para as pernas, e raiva da grande estrela de cinema que foge dos jornalistas e tapa a cara à objectiva das máquinas fotográficas. Raiva do assassino, que vinga pelo sangue uma filha ultrajada, e raiva do capanga que aceita matar de conta de outrem. Raiva do escritor que não encontra quem lhe edite os livros e raiva do génio consagrado que rejeita o Prémio Nobel. Raiva da menina esquelética, sem pão para se alimentar, e raiva da menina gorda que passa fome para emagrecer. Raiva do pigmeu vaidoso, em quem ninguém repara, e raiva do Homem Público sem tempo para brincar com os netos. Raiva do rapaz aleijado, ante o riso escarninho das moças, e raiva do bonito presumido que não chega para todas as que o perseguem.

Reis Ventura

AQUAMAZONA O QUE É?

Os homens mais necessários deste País

(continuação da pág. 1)

a carta seja entregue, o vale seja assinado?

Quantos dissabores não suportam com os problemas de dinheiro, de vales, de cartas, de registos?

Quem é que não sentiu ainda momentos de «suspense» ao ver desfolhar um maço de cartas onde anseia esteja a sua carta? A tal que lhe transmite a mensagem dum filho distante, do marido ausente ou a certeza de que algo de bom nos aconteceu?

Entendemos que os carteiros são os homens mais necessários deste país, porque a sua missão é semelhante ao sangue no corpo humano: os carteiros são fluxos e refluxos da vida de um país. São eles que trazem e levam as mensagens escritas que percorrem todos os cantinhos de um corpo que se chama Portugal.

Só uma diferença: é que a paragem do sangue é fatal para o homem e a paragem dos carteiros não provoca nenhum colapso mor-

tal, mas o que não há dúvida nenhuma é que a paralização dos carteiros durante 2 dias por semana é uma chaga que vai correndo a saúde da Nação.

Dirão que também têm direito a descansar ao sábado, mas esse argumento não é válido porque, a seguir-se esse princípio, teria muita lógica que todos descansassem ao Domingo.

E nesse caso paravam os aviões, os combóios, os auto-carros, os navios, os hospitais, os enfermeiros, os hotéis, os telefones, os táxis, etc., etc., e no entanto não consta que os profissionais destas actividades não tenham o seu dia de descanso.

Louvemos os carteiros pelo magnífico trabalho que diariamente executam e pelo contributo que dão à vida de um país, mas alertamos os responsáveis para que se faça alguma coisa para atenuar a paralização do correio ao sábado.

O actual Governo já não é dos tais que se formaram para... afundar Portugal.

Contribuições e impostos

Para esclarecimento dos interessados, esclarece-se que se encontra a pagamento durante o mês de Dezembro nas Tesourarias de Finanças, o Imposto Complementar (Secção A) do ano de 1975.

Este imposto é pago de uma só vez (Decreto Lei n.º 45399, de 30-11-1963, e se não fôr pago no prazo respectivo, ficará sujeito aos juros de mora.

O relaxe terá lugar 120 dias depois de expirado o prazo para o pagamento à boca do cofre.

Também durante o mês de Dezembro está a pagamento:

Imposto de Circulação 4.º trimestre) 1976

Imposto de Camionagem (4.º trimestre) 1976.

Imposto de Compensação (3.º trimestre) 1976.

Não se verificando o pagamento destes impostos no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente JUROS DE MORA

Passados 60 dias sobre o vencimento dos impostos sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo.

PRÉDIO

VENDE-SE

Situado em Faro na Rua Manuel Belmarço, 10-12. Tem rés-do-chão e 1.º andar (próximo da Rua de Santo António).

Informa Telef. 844372.

Informa Antónia de Sousa Tomé — VALE DE ÉGUAS.

Rua Lopes, 122-1.º, Esq.º.

EURODOMUS Móveis Pinto

LOULÉ

Apresenta nos seus salões de exposição grande variedade de:

MÓVEIS DE ESTILO

MOBÍLIAS MODERNAS

CANDEEIROS

DÉCORES

MENAGE

TUDO PARA O SEU LAR

Telefones 62083/4

Rua Dr. Frutoso da Silva

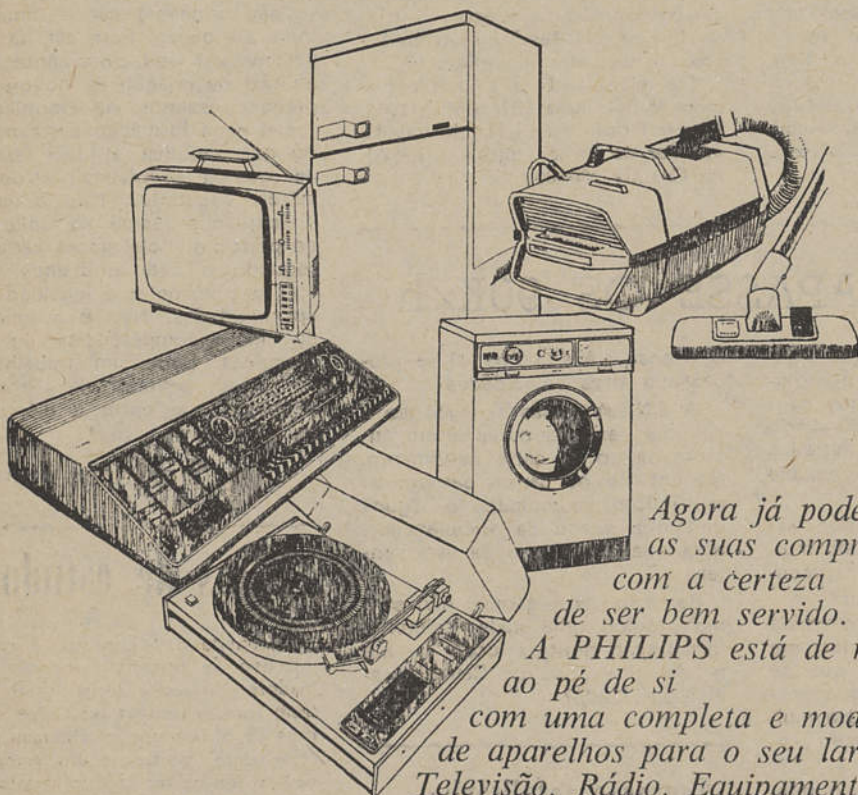
LOULÉ

Telefone 22015

Rua França Borges, 1-C

PORTIMÃO

NOVA AGÊNCIA PHILIPS EM LOULÉ



Agora já pode decidir as suas compras

com a certeza

de ser bem servido.

A PHILIPS está de novo

ao pé de si

com uma completa e moderna gama de aparelhos para o seu lar.

Televisão, Rádio, Equipamento Musical,

HI-FI, Gravadores, Frigoríficos, Máquinas de Lavar, Fogões, etc., etc. e, além de tudo isto, uma grande variedade de pequenos electrodomésticos da maior utilidade.

Electro-Palma

Av. José Costa Mealha - Telefone: 62025 - Loulé

PHILIPS FAZ PARTE DA SUA VIDA



Em pleno Alentejo

ALQUEVA — O maior lago artificial da Europa

A gigantesca obra da barragem do Alqueva, no Guadiana, que durante os últimos quatro anos tem sido ponto de controvérsia, será, assim se espera, uma realidade.

Empreendimento de nove milhões e 200 mil contos, a concluir em 1985, Alqueva tornar-se-á a mais potente central hidroeléctrica do País e será através dela que o Alentejo poderá transformar-se economicamente modificando-se, inclusivamente, o seu aspecto paisagístico. Em pleno verão, esta planície escaldante tornar-se-á em oásis verdejante com as novas culturas que, por certo, serão introduzidas, melhorando-se, substancialmente, as potencialidades agrícolas da região.

Para além do aspecto hidro-eléctrico e de regadio, a barragem do Alqueva abastecerá a indústria, particularmente o complexo de Sines, fornecerá água a domicílios do Alentejo e Algarve e, segundo se crê, irá alimentar outras barragens.

No início deste ano iniciaram-se

as estradas de acesso, as obras de instalação geral do estaleiro, o estabelecimento do ramal do fornecimento de energia ao estaleiro e o desvio provisório do Guadiana. As empreitadas correspondentes vão além dos 200 mil contos e dão lugar a 400 postos de trabalho.

A albufeira cobre uma área de

cerca de 250 km², sendo 215 em território nacional e os restantes 35 em Espanha.

Prevê-se a construção de um conjunto habitacional, em Moura, para 80 trabalhadores e suas famílias quando a obra já estiver em fase de exploração no referente à produção de energia eléctrica.

A denúncia de um mito

A propósito do aniversário da revolução socialista na União Soviética há pouco comemorado, recorde-se um texto de Alexandre Kerensky, ex-Primeiro Ministro e Chefe do Governo Provisório da Rússia em 1917, escrito no após-guerra e transcrito pela imprensa da época:

«Em recente série de conferências, defrontei repetidas vezes com um dos maiores mitos da nossa época — o de que foram os comunistas que acabaram com o despotismo czarista na Rússia.

Isso não corresponde, em absoluto, à verdade. O regime que os bolchevistas derrubaram pela força e pela fraude não foi a monarquia e sim a *democracia* recém-chegada, o chamado regime de Kerensky.

No dia 12 de Março de 1917, um mês antes de os Estados Unidos entrarem na Primeira Guerra Mundial, o czarismo caiu, e teve início a Grande Revolução Russa. E surgiu então o único regime democrático que existiu em toda a trágica história da minha pátria.

Os futuros líderes comunistas não tiveram parte activa naquelas ocorrências decisivas. Quase todos eles — Lenine, Trotsky, Stáline — se encontravam no exterior, na prisão ou no exílio. Além disso, a revolta tomou-os de surpresa. Não acreditavam que pudessem ter lugar tão cedo. Lenine escrevera de Zurique aos seus amigos que sua geração não tinha esperança alguma de presenciar uma revolução na Rússia. Os seus seguidores me declararam em Petrogrado, apenas algumas horas antes da explosão: «Não há o menor indicio de insurreição; estamos entrando num longo período de reacção czarista».

Somente depois de ser concedida amnistia política pelo Governo provisório democrático é que os bolcheviques começaram a congregarem-se na capital russa. Lenine, Zinoviev e outro chegaram um mês depois da queda dos Romanoffs no famoso trem fornecido pelo Kaiser da Alemanha.

Que espécie de Rússia foram eles encontrar? Temos o próprio depoimento de Lenine: «A Rússia é agora a nação mais livre da Europa, onde não há opressão das massas» declarou publicamente durante a insurreição bolchevista de Novembro de 1917, que extinguiu o regime democrático.

O mito de que os comunistas derrubaram o czarismo foi propositalmente divulgado para ocultar o crime e que cometeram estrangulando a primeira democracia russa. E hoje os comunistas estão tentando assumir o controlo do poder por meio do mesmo estratagemma cinico de arvorar-se em «defensores da democracia», organizando os seus golpes contra a liberdade sob a capa da liberdade. Somente após a sua vitória confessou Lenine publicamente que o seu lema de campanha em prol da liberdade não passara de uma artimanha.

O povo russo não pode ser responsabilizado por ter caído na armadilha bolchevista pois, naquela época, o mundo não estava ainda habituado às modernas táticas totalitárias. Mas não há tal desculpa para os milhões de operários, camponeses e intelectuais do Ocidente democrático a quem actualmente os comunistas acenam com a mesma isca. O pavoroso exemplo do que ocorreu na minha pátria deveria ser tomado por eles como uma terrível advertência.

O tirar da máscara

Devido ao facto de se ter verificado «um salto de linha» na parte do discurso do sr. Cunhal que publicamos neste jornal, transcrevemos hoje, na íntegra o seguinte período que saiu truncado:

É daí que, quando por vezes aparecem em cooperativas e unidades colectivas elementos a dizer: deveis pedir 8 contos de salários, deveis pedir mais estes e aqueles benefícios sociais, chegando mesmo a haver unidades colectivas onde apareceram aventureiros a aconselhar que se fosse para a greve para exigir maiores salários — é preciso dizer: se alguém se deixar iludir por isso está a caminhar para a sua perda, que é a vossa, que é a nossa.

NÃO ULTRAPASSE OS 90K/h

Se já se esqueceu, vimos lembrar-lhe sr. automobilista, que ainda está em vigor a Lei que condiciona a velocidade de 90 Km/h como limite máximo nas estradas nacionais onde essa velocidade seja possível.

Há dias, um nosso leitor, esqueceu-se dessa Lei e foi multado em 300\$00 e carta apreendida.

Há uma Lei para ser cumprida e é dever do cidadão consciente cumpri-la — a não ser que se trate duma Lei iníqua, que mereça enérgicos protestos. Há muitas dessas, mas não é o caso presente.

O presente caso é que o referido automobilista foi multado numa recta da estrada Loulé-Faro, junto à Fábrica Sumol e que só não tem o nome de auto-estrada porque a não baptizaram como tal.

O carro atingiu ali 108 Km/h, velocidade que passou despercebida ao condutor. Velocidade que pode considerar-se normal para um carro normal.

Mas há uma Lei e ela foi aplicada no momento oportuno.

Há, porém, um pormenor que ressalta à vista: a escolha do local. Se as autoridades policiais entendem que é perigoso ultrapassar os 90 Km/h porque não actuam com mais assiduidade noutros locais mais perigosos?

Quem é que vai a Almansil, por exemplo, e não se assusta com

«Eu quero ser rei»

(continuação da pág. 1)

muito jeito para mandar. Respondermos-lhe que já havia gente demais a querer mandar e era difícil ele passar à frente... até porque ainda ninguém o conhecia concerteza. Respondeu-nos que isso não tinha importância pois começava agora a dizer que queria ser rei e daqui a pouco tempo todo o mundo o conhecia e até pensaria que ele era parvo. E era isso que ele queria, pois agora quem manda mais são os parvos.

Sentimo-nos ligeiramente embaraçados e sugerimos: «só se a gente arranjasse por aí uma ilha que não seja ainda independente». Perguntámos se era algarvio e respondeu-nos que, sim, senhor, «sou de Olhão e com muita honra» e atirámos com esta ideia que nos pareceu luminosa: «então e se reivindicasse ser Rei da ilha da Culatra?»

O nosso homem deu um pulo de alegria e exclamou: «bestial, pá», vou já lá dizer aquela rapaziada para me proporem para Rei da ilha da Culatra. Tenho lá bons amigos e proponho-lhes que «todo o dinheiro que eu ganhar será para distribuir pelo Povo. Assim acabarei com a miséria».

Ajudar os que precisam e... merecem

(continuação da pág. 1)

extraordinário movimento de solidariedade, (e no qual a igreja teve papel preponderante) em apelos dirigidos pelos reverendos párocos do Algarve, que foi possível reunir os 200 contos considerados necessários para as despesas. Só através da Pastoral Eclesiástica se arrecadaram mais de 100 contos nos peditórios efectuados.

O sr. Jaime Justo aguarda agora que seja, feita a marcação da data em que se deslocará ao hospital londrino.

Alguns dos nossos leitores corresponderam ao apelo que dirigimos através deste jornal e por isso foi-nos possível entregar na delegação de Faro do Instituto da Família e Acção Social, as seguintes importâncias:

Um colega de Faro, 1 000\$00, Joaquim Manuel Rosa (Alemanha) 260\$, Beatriz Jacinto Pereira, Loulé 100\$00, «A Voz de Loulé» 200\$00 e Reinaldo Cristina 200\$00.

ESCRAVATURA NO ALENTEJO

Um problema bastante grave que se está actualmente a verificar no Alentejo com os trabalhadores das cooperativas e unidades colectivas de produção diz respeito ao «aluguer de braços de trabalho».

Com efeito, e conforme foi afirmado por um elemento da Associação dos Agricultores, «Propriedades não ocupadas e que possuem bastante cortiça, como não possuem pessoal em número suficiente para a extraírem, pedem às unidades colectivas que lhes cedam alguns trabalhadores. Se tal acontece, a cooperativa recebe, por cada trabalhador, dois mil escudos semanais e depois só paga cerca de 900 escudos».

«Por outro lado no período de safras, quando se torna absolutamente necessário colher os produtos, as cooperativas não cedem trabalhadores, apesar de os terem em número mais que suficiente para os respectivos trabalhos. Passada a safra, quando muita da produção está completamente destruída, impõem os trabalhadores aos rendeiros e fazendeiros. Estes são coagidos, pois o medo é tal que não contactam com as autoridades».

E NÃO SÓ

A propósito do que se passa no Conservatório do Registo Civil de Loulé, escreveu-nos um amigo (funcionário público em Lisboa) e pergunta: «julgas que é só no Registo Civil de Loulé que o serviço anda mal? A função pública está um caos. Só não compreendo porque há tantos desempregados e o Estado não admite mais funcionários».

Entretanto repara nestas injustiças: a mulher de limpeza (4.ª classe) ganhava 1 400\$00 há 4 anos. Agora ganha 5 000\$00. As 2 escriturárias que trabalham na minha secção (5.ª e 7.ª ano liceal) ganham 5 500\$00 e o contínuo (que já nem veste farda e passa os dias a olhar para a sua secretária) ganha 5 200\$, mas recebe mais do que as escriturárias porque já tem diuturnidades.

Como deves calcular, face a estas injustiças, ninguém tem vontade de trabalhar, pois o mérito sempre foi um estímulo para o brio profissional de quem se preza desempenhar as suas funções.

Só havendo uma reclassificação as coisas podem mudar, mas não é fácil, porque só os parvos não vêm a razão porque se fazem estas injustiças».

Assim vai a Função Pública (e não só).

e serei amigo do meu Povo enquanto eu for vivo».

O nosso amigo despediu-se muito cordialmente e prometeu voltar em breve pois ia iniciar a sua campanha eleitoral naquela ilha algarvia que, pensamos, também tem direito à autodeterminação (e não só).

Burgueses... contra a burguesia

Entre as desagradáveis palavras com que se quer magoar alguém encontra-se a de «burgueses».

E dá-se a tal vocábulo o sentido de comodista, rico, luxuoso, bem instalado na vida quantas vezes saltando por cima de outros...

Todavia, muitos dos que se dizem não burgueses, estarem contra os burgueses e de serem até das esquerdas, vão aos comícios esquerdistas, atiram-se às direitas como podem, compram jornais progressistas, mas é vê-los na vida particular...

Pelo que comem, pelas festas em que andam, pelo modo como vestem, pelos automóveis que possuem, pelos passeios que dão, pelas mobílias que compram, pelos sítios onde gozam as férias, pelo que bebem e pela vida que levam, pelo luxo das casas onde vivem, por tudo isto, que é muito, eles são refinados burgueses práticos.

Que grande contradição está! Muitos dos teóricos anti-burgueses são, na realidade, os grandes burgueses de agora.

Trabalhar e... falar

«Há que criar novos empregos com desembaraço no pressuposto evidente de que o trabalho, o saber e sobretudo o saber-fazer (e não o falar) são a fonte de toda a riqueza. Para tal há que desenvolver audaciosamente uma política de criação de novos empregos, assente na mobilidade social e na formação permanente. Há que repudiar a ideia fascista de que a segurança reside na inércia vegetativa. Não é assim, a segurança reside na aplicação do princípio socialista «a cada um segundo o seu «trabalho».

O socialismo é a igualdade de oportunidades. Não é a igualdade das incompetências ou das preguiças. Entre um trabalhador e um palrador há a mesma diferença que entre a ciência e a bruxaria».

SALGADO ZENHA

Visitas de estudo

A convite da «Lusotur» e com o objectivo de proporcionar aos trabalhadores do sector turístico um contacto directo com as realidades turísticas de Vilamoura, efectuaram-se recentemente visitas educacionais do pessoal do sector de informação da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

Cerca de 15 funcionários tiveram possibilidade de observar de perto o funcionamento quer das unidades hoteleiras do vasto complexo turístico, quer de todos os seus apoios desde agro-pecuária, centro hípico, Marina e campos de golfe.

Estão programadas mais visitas educacionais ao complexo que engloba o pessoal dos centros de turismo de Portugal e da Direcção Geral de Turismo.

AQUAMAZONA
O QUE É?